

MORADOR DE SÃO SEBASTIÃO, O AUXILIAR DE COZINHA REGINALDO DE JESUS FOI TRANSFERIDO PARA O HRAN: FRAQUEZA E DOR DE CABEÇA

Procura a postos de atendimento ainda é grande

GUILHERME GOULART
DA EQUIPE DO CORREIO

Passados quatro dias das mortes inexplicadas em São Sebastião, dezenas de pessoas congestionam hospitais e postos de saúde do Distrito Federal. Preocupados e inseguros, moradores principalmente da região de São Sebastião e do Paranoá procuram atendimento médico para descobrir as causas dos mesmos sintomas apresentados pelas vítimas antes de morrer — dores no cor-

po, febre e fraqueza muscular. Durante todo o dia, famílias se organizaram em uma espécie de romaria na porta das clínicas.

De um simples mal-estar a problemas abdominais crônicos, os pacientes logo suspeitam que foram acometidos por uma doença grave. “Além do temor de morrer, sinto dores de cabeça, fraqueza geral no corpo. A gente se sente indefeso”, disse o auxiliar de cozinha Reginaldo Reis de Jesus, 24 anos, morador do bairro Residencial Oeste, em São Sebastião.

O rapaz acordou ontem às 6h com vômitos. Com a ajuda de familiares, Reginaldo deu entrada no posto de saúde da cidade. Perto do meio-dia, o auxiliar de cozinha já aguardava uma ambulância para transferi-lo ao Hospital Regional do Paranoá (HRPa), onde permanecia sob observação até o fim da tarde. O jovem afirmou que nos últimos dias consumiu apenas água potável. “É assustador porque ninguém sabe o que é”, reclamou o irmão do rapaz.

Sem prioridade

Para fugir do excesso de pacientes em São Sebastião, muitos pacientes ocuparam os hospitais do Plano Piloto. No Hospital Regional da Asa Norte (-Hran), a procura por atendimento lotou o pronto-socorro. Muitos dos que estiveram no hospital reclamaram da morosidade nas consultas.

A doméstica Suziane Lima Campos Araújo, 32, estava na fila de atendimento. Moradora do Bairro São José — o mesmo de

Denifer Quintanilha Utiwama, 17, uma das vítimas fatais —, a moça estava com febre, dor de cabeça e vomitava constantemente. Chegou ao centro clínico ao meio-dia e até o fim da tarde continuava sem atendimento. “Disseram que a gente teria prioridade, mas não é o que acontece”, reclamou. A também doméstica Franciléia Pires Araújo, 29, enfrentou os mesmos sintomas e dificuldades de Suziane. As duas disseram que nunca tomaram água de cisternas.

ORIENTAÇÃO

10

equipes do programa Família Saudável vão atender e orientar os moradores de São Sebastião, onde moravam duas das vítimas que morreram no sábado.

**LEIA MAIS SOBRE MORTES EM
SÃO SEBASTIÃO NA**

PÁGINA 26